

“Quem é a moça que tirou Rubem Fonseca de casa?”, perguntava alguém no Twitter. Pois é, a literatura faz destas coisas. O mestre, escritor recluso, saiu do Rio de Janeiro para ir alimentar uma discípula literária que estava há seis dias enfiada num cubículo numa livraria de São Paulo. Ela chama-se Paula Parisot, está a publicar o seu primeiro romance, *Gonzos e Parafusos*, na Leya Brasil. E foi um delírio. Por Isabel Coutinho

Às voltas co

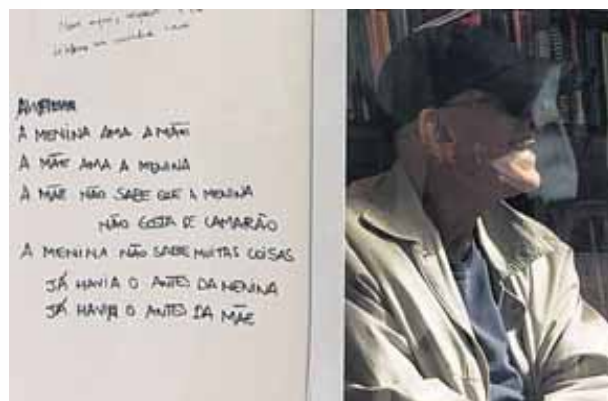
● Quando a escritora brasileira Paula Parisot era adolescente, não gostava de ler. Só pensava em desenhar. A sua avó deu-lhe o livro de contos *Feliz Ano Novo*, de Rubem Fonseca, e quando uma semana mais tarde ela acordou assustada a meio da noite e o leu, o seu mundo transformou-se. Na noite em que Rubem Fonseca entrou na sua vida, Paula Parisot descobriu a leitura e os livros.

Anos mais tarde, Paula conheceu o escritor brasileiro e quando publicou o seu primeiro livro de contos, *A Dama da Solidão*, dedicou-o ao “mestre” para sempre.

Agora a escritora está a lançar o seu primeiro romance, *Gonzos e Parafusos*, editado pela Leya Brasil, e conseguiu que Rubem Fonseca, o Prémio Camões 2003, conhecido por não dar entrevistas (pelo menos no Brasil) nem se deixar fotografar a não ser pelo filho, saísse da sua “toca” no Rio de Janeiro.

Aos 84 anos, Rubem Fonseca levou a sério o seu papel de mestre e, como um autêntico “vovô-garoto”, surpreendeu todos e viajou até São Paulo para “dar papinha” à sua discípula.

Paula Parisot precisava de ser alimentada durante os sete dias e seis noites que esteve a viver dentro de um cubículo transparente, instalado na Livraria da Vila, em São Paulo, para encarnar Isabela, uma rapariga meio-doida que delira



Rubem Fonseca durante a visita a Parisot, que o considera seu mestre

com borboletas e com gatos que falam, personagem principal do seu romance. E, ao sexto dia, Rubem Fonseca lá cumpriu o seu papel e fez um golpe de mestre.

“Chora não meu bem, chora não”, disse Rubem Fonseca quando a moça, enfiada no cubículo, vestida com o seu vestido de noiva e grinalda de princesa, desatou a chorar, numa crise histérica e aos berros porque os jornalistas estavam a tirar fotografias e a importunar o seu mestre. Segundo Fábio Victor, o repórter da *Folha de São Paulo* que assistiu à cena, Rubem dizia isto enquanto “fazia biquinho” e se “contorcía em frente ao vidro” que o separava da escritora em pose de *performer*. É que, conta Fábio Victor no jornal brasileiro, ao ver um fotógrafo, o escritor irritou-se, e disse: “Porra! Puta Merda! Estragou o meu dia.” Brincou com a escritora engaiolada, disse-lhe que tinha que comer, que ela estava magrinha, e aos jornalistas afirmou que acha Paula uma escritora com “um futuro brilhante”.

“Qual é o limite? Quem diz qual é o limite? Vou fazer uma viagem”, diz Paula no vídeo que está na Internet e mostra o que se passou no primeiro dia da sua *performance*. Ela está vestida de branco e tem ao pescoço um fio onde está pendurada uma chave. Ainda nem começou e já está a chorar. Aliás, Paula chorou muito, praticamente todos os dias. Mas quando viu Rubem Fonseca, ficou muito feliz, saltitou, rodopiou e dançou.

A repórter do jornal

O Globo, Márcia Abos, que também lá estava, ouviu Rubem Fonseca dizer que acreditava que era a primeira vez que um escritor faz uma *performance*, pelo menos no Brasil, e que se tratava de um trabalho sério. “Sei que muita

gente julga como simples jogada de *marketing*, mas não é nada disso”, afirmou. No meio literário brasileiro corria o rumor de que Rubem Fonseca, autor que o ano passado abandonou a sua editora de há 20 anos, a Companhia das Letras, o fizera porque o editor Luiz Schwarcz se recusara a publicar o primeiro romance de Paula, apesar de ter publicado o seu livro de contos, em 2007. À *Folha de São Paulo* Rubem Fonseca desmentiu a história e a editora não comentou. Mas o jornal afirma que o escritor “intercedeu de uma forma que não agradou à Companhia”.

O título do livro de Paula é propício a brincadeiras como “parafusos a menos” e é claro que na Internet a cena já deu origem a trocadilhos (entre “dar a papa” e “andar a papar”). Há quem diga que o escritor saiu da sua “reclusão senil”, que “apareceu no meio dos mortos”, que “deixou a caverna para alimentar instalação humana”, que “paga mico por Paula Parisot”, que “caducou”, “que viagrista essa Parisot”, mas os envolvidos já deviam saber que se estavam a pôr a jeito. Há quem diga que “é milagre”, que se trata de um “momento histórico” e quem peça simplesmente: “Não alimentem os escritores.”

O efeito Joseph Beuys

Lembram-se quando, em 1977, o escritor português Alberto Pimenta se trancou numa jaula do Jardim Zoológico de Lisboa, ao lado do Palácio dos Chimpanzés, com uma placa onde se lia *Homo sapiens*? Esteve exposto das 16h00 às 18h00, do dia 31 de Julho daquele ano, e depois registou a *performance* num livro. Pois Paula Parisot, inspirada pelo trabalho do artista plástico alemão Joseph Beuys, de quem viu uma exposição no MoMA, em Nova Iorque, em 2009, que a deixou impressionada, teve a ideia de fazer o contrário - uma *performance* literária a partir do livro que escreveu.

A ideia surgiu-lhe quando estava sentada num banco do museu nova-iorquino a ver o vídeo da *performance* *Coyote: I like America and America likes me* que Beuys fez na América, em 1974, enrolado em

mo um parafuso



A escritora procurou interagir com todos os que a visitaram

felto e em que dava comida a um coioite que urinava em folhas de jornais e estava com ele dentro de uma jaula. Paula, que nasceu no Rio de Janeiro, é ilustradora, foi bolsista da New School University, em Nova York, e tem um mestrado em Belas-Artes pensou: “Beuys está consciente de que é um elemento vivo da sua obra de arte.” E quis mostrar que sentia o mesmo.

Big Brother ou talvez não

Tudo isto começou com um telefonema. Pascoal Soto, o editor da Leya Brasil, atendeu o telefone e do outro lado ouviu a voz de Rubem Fonseca. O escritor brasileiro queria dizer-lhe que Paula Parisot, sua discípula, tinha terminado um romance e sugeria ao editor que o lesse. Paula não era uma desconhecida, tinha publicado um livro de contos na Companhia de Letras (*A Dama da Solidão*) e caso Soto estivesse interessado na publicação, Rubem mandar-lhe-ia depois um texto onde Paula falaria sobre uma *performance*. “Eu não tinha opção de publicar o romance e não fazer a *performance*. Uma coisa estava ligada à outra”, explica ao P2 Pascoal Soto durante uma conversa telefónica entre São Paulo e Lisboa. “Li o romance e achei interessantíssimo. Fiquei muito impressionado e quando ele me mandou o texto sobre a *performance*, achei a ideia genial. Isso é inédito na história da literatura no Brasil. Não há notícia de um autor criar uma *performance* para o lançamento de um livro.”

Isabela, a personagem do livro, “é múltipla” na sua esquizofrenia. É a baronesa Elisabeth Bachofen-Echt, a musa de Gustav Klimt, mas é também a *Menina de Cabelo Negro Nua em Pé*, de Egon Schiele. E como a escritora não queria que a história terminasse na última página do livro, resolveu subverter as regras tradicionais dos lançamentos e inventou uma *performance* em que durante os sete dias e as seis noites que antecederam a noite de autógrafos do livro (quinta-feira na Livraria da Vila) encarnou a sua personagem, Isabela, e ficou exposta aos olhos de todos os que foram assistir à *performance* em que quis cruzar as artes visuais e a literatura.

Paula/Isabela viveu dentro de um quarto feito de material transparente, com 3X4 metros, especialmente concebido para a ocasião pela cenógrafa Lolla Tolentino. O cenário, instalado no interior da Livraria da Vila, reproduz a clínica de repouso descrita no romance *Gonzos e Parafusos*, onde a personagem se interna por um curto período de tempo. Trata-se de espaço de uma “sobriedade espartana, com apenas uma cama de solteiro, uma mesa, uma cadeira e um espelho”.

Toda a *performance* obedecia a regras. A escritora tinha que estar vestida de branco reproduzindo o quadro de Gustav Klimt, *O Retrato da Baronesa Elisabeth Bachofen-Echt*, uma das fixações da personagem Isabela. Não podia comunicar com ninguém, não podia ler, só podia falar sozinha, escrever e desenhar. Só tomava banho depois de os funcionários terem fechado a livraria e, de noite, ficava lá sozinha com um segurança. Levou dentro de uma mala branca objectos pessoais.

Ela própria explica no blogue que foi criado para o evento (<http://www.leya.com.br/gonzoseparafusos/>): “Haverá sete cadernos de capa branca, um para cada dia. Na capa terá escrito *Parafusos sobressalentes - Parafuso 1* e assim por diante até *Parafusos sobressalentes - Parafuso 7*, último dia da *performance*. A cada dia uma pessoa diferente me trará comida. Não sei o que será servido. Essas pessoas são: a mãe, o pai, o marido, o mestre [Rubem Fonseca], a amiga, os sogros, o editor. Caso a pessoa não queira trazer comida, fico sem comer. Toda vez que precisar sair do ‘espaço’ para ir ao banheiro enrolo um tecido branco na cabeça que me impede de ver. Ao fim da *performance*, noite do dia 17 de Março, saio do espaço e vou para minha casa. Na noite do dia 18 de Março retorno à livraria para a sessão de autógrafos.”

Crianças, amigos, desconhecidos, jornalistas e leitores passaram pela livraria e interagiram com Paula dentro do possível. Ao longo dos sete dias que a escritora passou nesse espaço produziu muitos textos para quem a visitava. “Escreveu nas paredes, no chão da casa, levou consigo sete caderninhos



Parisot recriou o quarto da Isabela do seu romance

brancos a que ela chama ‘parafusos sobressalentes’. Fez um diário. Vou ter acesso a tudo o que foi produzido, desenhos, pinturas lindíssimas, e pretendo a partir desse material fazer qualquer coisa”, explica Pascoal. Tanto o editor como a escritora tinham medo que as pessoas imaginassem que se tratava de um *Big Brother* literário. Mas Pascoal Soto diz que não se trata disso. Para ele, Paula Parisot pertence a uma classe de escritores

que se entregam à literatura. E lembra Clarice Lispector, que dizia que os jovens escritores estavam muito preocupados em fazer uma literatura onde mostrassem que tinham lido os clássicos, com romances que eram verdadeiras mantas de retalhos onde havia imensas citações para mostrar conteúdo. “A Clarice entendia que mais importante é a vida, é saber contar e reflectir sobre a vida. É se entregar para a vida. Eu acho que a

Paula é dessa classe de escritores. Com a mesma entrega que ela escreveu *Gonzos e Parafusos*, essa mesma entrega fez com que ela criasse uma *performance* vivendo a personagem que inventou. Mas que é um pouco os seus sonhos, as tantas pessoas que habitam a gente. Isso não tem nada a ver com *Big Brother*, é uma entrega. De certa forma essa *performance* é um sacrifício também.”

O marido de Paula Parisot contava num dos vídeos no blogue que tinha a sensação de que a sua mulher estava internada num hospital porque as pessoas chegavam e perguntavam se ela estava bem, se tinha comido. E rematava: “Que mulher maluca que eu tenho.”

É possível que *Gonzos e Parafusos* venha a ser publicado em Portugal e Paula pensa na possibilidade de criar uma nova *performance* para esse lançamento. O *Globo* dizia que a escritora se poderia fechar em Lisboa num cubículo com borboletas e ficar lá até elas morrerem, mas Pascoal Soto desmentiu. A *performance* em São Paulo exigiu muito da escritora e tudo o que poderá acontecer em Lisboa ainda será discutido. Há ainda que dar umas voltas ao parafuso.

casa da música

ORQUESTRA BARROCA CASA DA MÚSICA SETE ÚLTIMAS PALAVRAS DE CRISTO

CONCERTO DE PÁSCOA

QUI 01 ABR

19:30 SALA SUGGIA
€ 11

F. J. HAYDN

*As Sete Últimas
Palavras de Cristo*
(acr. Laurence Cummings)

LAURENCE CUMMINGS

CRAVO E DIRECÇÃO MUSICAL

NUNO CARINHAS

NARRADOR



casa da música
5 anos

SEJA UM DOS PRIMEIROS A APRESENTAR HOJE ESTE JORNAL COMPLETO NA CASA DA MÚSICA E GANHE UM CONVITE DUPLO PARA ESTE CONCERTO. OFERTA LIMITADA AOS PRIMEIROS 10 LEITORES.



Em 1786, um cónego de Cádiz encomendou a Haydn uma peça instrumental inspirada em sete frases alusivas à paixão de Cristo, retiradas de diferentes evangelhos. Esses momentos musicais eram intercalados com sermões e terminavam com um eco sonoro do destrutivo terremoto de Lisboa [1755], falado em toda a Europa.

